

## Tales e a origem do filósofo segundo Nietzsche

*Robson da Silva Caitano<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O primeiro período do pensamento nietzscheano é caracterizado pelo estudo dos primeiros filósofos, dentre os quais, o matemático, astrônomo e geômetra Tales de Mileto, considerado pelo autor como “o primeiro filósofo grego” que compõe uma “comunidade filosófica tão maravilhosa”. Em sua obra “A filosofia na era trágica dos gregos”, Nietzsche discorre sobre como a nova atitude filosófica grega teria influenciado o pensamento na época. Com a proposição “tudo é água”, Nietzsche afirma que Tales teria ido além do científico ao levantar a questão do Um. A doutrina de Tales concebia que todas as coisas adviriam e seriam formas variadas do Um. Tal proposição configura um salto em relação aos conhecimentos da época, segundo Nietzsche, saindo assim do mítico e do alegórico para o científico e filosófico. O presente trabalho tem como base a investigação de Nietzsche sobre a origem do filósofo e compreender por que Nietzsche considera Tales de Mileto como primeiro filósofo. A dedicação de Nietzsche ao estudo dos filósofos da antiguidade não se resume simplesmente a um retorno aos gregos, uma vez que ele procurava pensar o mundo moderno a partir deles. Mas sim, investigar como a figura do filósofo representaria a busca pelos saberes mais elevados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tales. Água. Origem. Unidade. Multiplicidade.

### 1 INTRODUÇÃO

Nietzsche apresenta a época trágica dos gregos como um período brilhante em que os gregos iniciaram o ato de filosofar. Marcada pela característica de vinculação entre filosofia e vida, na perspectiva nietzschiana, as reflexões dos primeiros filósofos gregos inauguraram uma nova mentalidade baseada na indissolubilidade entre teoria (pensamento) e prática (vida). É assim que Nietzsche identifica nos filósofos pré-socráticos: com um alinhamento entre pensamento e vida. O pensamento deles, assim, era “para a vida, e não para o conhecimento erudito, utilizando todo aprendizado como suporte do qual podemos impulsionar-nos para o alto”. (NIETZSCHE, 2012, p. 29). A relação entre pensamento e vida é evidenciada, segundo Nietzsche, na combinação entre filosofia e ciência prática desde a investigação de Tales de Mileto.

Tales de Mileto, de ascendência fenícia, nasceu em Mileto, na Ásia Menor (cerca de 625/4-558 a. C) foi matemático, astrônomo e geômetra. Filho de Examias e Cleobuline, pouco se sabe de suas ideias, no entanto, suas reflexões chegaram até nós pelos doxógrafos. Em sua famosa compilação sobre a vida dos filósofos gregos, Diógenes Laércio indica que Tales nada deixou de escrito, visto que, obras como “Astronomia Náutica”, atribuída a ele, na realidade seria de Focos de Samos. (LAËRTIOS, 1988, p. 18).

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Bacharelado em Filosofia do Centro de Educação e Humanidades; Voluntário (PIBIC - UNICAP); robson.caitano22@gmail.com.

Ainda assim, Tales é conhecido como estudioso da astronomia. A ele é creditada a análise e previsão do eclipse solar, mencionado por Heródoto e confirmado por Xenófanes, no final da guerra entre lídios e medos. Relata também Spinelli (1998) que Tales, contra a ideia de inutilidade da filosofia, como astrônomo elaborou uma investigação que determinava a colheita seria abundante, ao passo que a mesma se realizou posteriormente. Tales também aparece no episódio da escrava da Trácia descrita por Platão em Teeteto:

Foi o caso de Tales, Teodoro, quando observava os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhes que ele procurava conhecer o que se passava no céu, mas não via o que estava junto dos próprios pés. (PLATÃO, 1973, p. 63).

Este diálogo de Platão evidencia duas atitudes que, para Spinelli (1998), demonstram a busca pelo saber de Tales: a atitude de observar os astros acompanhada pelo desejo ardente pelo saber.

Com a pergunta sobre o princípio das coisas, Tales de Mileto recebera da tradição filosófica o título de primeiro filósofo. Nietzsche considera que Tales inaugurou a investigação filosófica grega com a célebre proposição: “a água é o princípio de todas as coisas”. É importante ressaltar que, em uma leitura possível, para os pré-socráticos, o divino era o que havia de mais elevado. Sobre isso, Burnet indica na menção de Cícero que “Tales sustentava a existência de uma mente divina que formou todas as coisas a partir da água”. (BURNET, 2006, p. 65).

Nietzsche concebia que, com a noção de unidade por meio de um elemento primordial, Tales teria marcado o início da filosofia, por um salto: a universalização da questão da origem. Assim, portanto, se deu a origem do filósofo: acompanhada pela busca pelos conhecimentos mais universais, “a saber, aqueles sobre a essência e o cerne das coisas.” (NIETZSCHE, 2012, p. 29).

Nietzsche concebe, assim, que a filosofia se iniciou com Tales, uma vez que a atividade filosófica exige fornecer aos homens contínuas respostas aos problemas mais elevados. Nesses primeiros filósofos, a relação uno-múltiplo pode ser vista como expressão da busca pelo conhecimento através da filosofia, a concepção filosófica passa a ser vista como uma unidade e as correntes filosóficas como multiplicidades. O mundo é múltiplo e tem-se, com a filosofia, uma pluralidade de vozes e perspectivas.

## 2 TALES E A QUESTÃO DO UM

No período da juventude, Nietzsche preocupou-se em investigar o legado da filosofia pré-socrática e compreender como seu surgimento influenciou toda a filosofia ocidental. Em “A filosofia na era trágica dos gregos”, texto de 1874, o autor indicara a nova atitude filosófica dos gregos, que por sua vez, baseada em um referencial pessoal, foi fundamental para

compreender que pensamento e vida estivessem intimamente relacionados na figura do filósofo. Já na época da juventude, enquanto professor de filologia na Basileia, o jovem Nietzsche ministrou um curso sobre a filosofia pré-socrática que contribuiu para o aprofundamento do seu pensamento filosófico. Isso porque, Nietzsche compreendia que apenas uma cultura como a grega poderia responder à pergunta concernente sobre a origem do filósofo. (NIETZSCHE, 2012, p. 33).

Nas palavras de Nietzsche, “a filosofia grega parece iniciar-se com uma noção desarmônica, a saber, com a proposição de que a água seria o primórdio e o ventre de todas as coisas”. (NIETZSCHE, 2012, p. 40). Assim, Nietzsche aponta três razões pelas quais a nova atividade filosófica é iniciada: “em primeiro lugar, porque a proposição indica algo sobre a origem das coisas; a segunda porque o faz sem imagem ou fabulação; finalmente a terceira, porque nela, mesmo ainda em estado inicial, alcançou-se o resultado: “tudo é um””. (NIETZSCHE, 2012, p. 40).

Para Nietzsche, a proposição sobre a origem das coisas, indicada por Tales, posiciona-o ainda no pensamento mítico. O pensamento mítico é caracterizado pela explicação sobre a origem do mundo com sentido sobrenatural, baseado no mistério, ou seja, a natureza como disfarce de uma realidade divina. Foi assim que Tales indicara de modo enigmático que “tudo está cheio de deuses”. Isto é, todas as coisas naturais são divinas porque contém nelas o úmido. A integração entre natureza, mito e razão, na filosofia nietzschiana é representada pela tragédia ática, que, segundo Melo Neto,

é o resultado da conciliação de dois impulsos artísticos da natureza, a saber, o *apolíneo* – princípio plasmador responsável pela individualização dos entes – e o *dionisíaco* – princípio que provoca a perda da individualidade e leva todos os entes a tenderem a uma espécie de unidade primordial. (MELO NETO, 2017, p. 21)

Entretanto, a concepção de que a água é o princípio de todas as coisas coloca Tales, segundo Nietzsche, além do científico: “Com a apresentação dessa noção de unidade, por meio da hipótese da água, Tales não apenas superou o patamar reduzido dos conhecimentos físicos de seu tempo, mas passou de um salto por sobre eles.” (NIETZSCHE, 2012, p. 40). É assim que o pensamento de Tales se destaca entre as teorias dos gregos. Diz Nietzsche, “como matemático e astrônomo, Tales desenvolvera uma alergia a tudo que fosse mítico e alegórico” (NIETZSCHE, 2012, p. 43). É extremamente interessante notar que Tales, contrapondo-se ao filosofar mítico e alegórico, declara que o primórdio de todas as coisas é de ordem material. Aqui, vemos claramente como Nietzsche relaciona aspectos da vida biográfica de Tales às suas questões filosóficas.

Já o segundo aspecto o revela como pesquisador da natureza. Os primeiros filósofos consideravam as coisas de ordem material como o princípio de todas as coisas. Apoiados na observação sensível, a substância física como causa explicativa da origem das coisas, indicaram a nova atividade inaugurada no mundo grego, a filosófica. Para Maritain (1989), “aquilo

que o homem vê, pode tocar, enfim, conhecer pelos sentidos, impressiona desde logo sua inteligência.” (MARITAIN, 1989, p. 35).

Considerando que a causa material seria suficiente para explicar todas as coisas, os pré-socráticos, mesmo de modo limitado, intencionaram a busca do conhecimento a partir de um espírito científico, mas sobretudo, como diz Nietzsche:

o valor da ideia de Tales está, no entanto - e mesmo após o reconhecimento de que ela é incomportável -, muito mais na intenção de ser absolutamente não mítica e não alegórica. Os gregos, dentre os quais Tales subitamente tornou-se tão notável, cultivavam nesse campo o exato oposto de qualquer realismo, uma vez que acreditavam somente na realidade de homens e deuses, e concebiam a natureza em sua totalidade apenas como disfarce, máscara e metamorfose desses homens-deuses. O homem era para eles a verdade e o cerne das coisas. (NIETZSCHE, 2012, p. 43).

A terceira razão posiciona Tales como o “primeiro filósofo grego”. Tales concebia as “coisas” como formas diversas de um só elemento fundamental, ou seja, a unidade na diferença. Hodiernamente sabe-se que a água, como elemento químico, é constituída por dois átomos de hidrogênio que se ligam a um átomo de oxigênio, sistematizado como “H<sub>2</sub>O” e que está presente em basicamente todos seres existentes no meio ambiente. Tales compreendeu que a água ou o úmido era o elemento gerador de tudo. A grande atitude filosófica de Tales está em, mesmo com as limitações da época, “após utilizar da ciência e do comprovável, ter saltado para além destes”. (NIETZSCHE, 2012, p. 44). A questão do Um seria o referencial de uma nova atitude de investigação. Ou seja, da busca pelo primórdio e a essência de todas as coisas, colocando o ato de filosofar a um passo além do científico. Diz Nietzsche:

é notável a violência que esta crença adota no trato com a empiria: justamente em Tales pode-se aprender como procedeu a filosofia, em todos os tempos, quando desejava saltar, puxada pelos seus fins magicamente atraentes, por sobre as moitas da experiência. Ela salta com toda leveza: a esperança e o pressentimento lhe dão asas aos pés. Vagaroso, o entendimento calculante vem, ofegante, mais atrás, buscando apoios melhores, o qual a companheira divina já alcançou. (NIETZSCHE, 2012, p. 41).

Para Nietzsche, portanto, “Tales cria relações, aspira a totalidade a uma imagem de mundo”. (NIETZSCHE, 2013, tradução nossa, p. 330). Ao transpor as explicações cosmogônicas típicas do seu tempo e iniciar um modo de representação do mundo, diz Nietzsche que, “Tales supera: 1) o nível mítico da filosofia; 2) a forma esporádica aforística da filosofia; 3) a ciência particular.” E explica: “o primeiro consegue por meio de um pensamento conceitual, o segundo pela sistematização, e o terceiro pela ereção de uma imagem de mundo.” (NIETZSCHE, 2013, tradução nossa, p. 330).

Como transformador de conceitos, Tales supera o mito através do pensamento conceitual. A doutrina egípcia exerceu forte influência entre os primeiros filósofos, foi assim que os antigos encontraram na narrativa de gênese dos deuses as explicações concernentes aos elementos naturais unificados, a saber, o princípio úmido de Tales, o ar de Anaxímenes, o devir absoluto de Heráclito, o elemento primordial indeterminado de Anaximandro. Com o objetivo de superar as incoerências fornecidas de até então, Tales, apesar da influência de tradição literária dos poemas homéricos, inicia a nova fase da busca pelo conhecimento se distanciando da teogonia. Em contrapartida, Nietzsche compara Ferécides de Siros,

[...] que se aproxima de Tales tanto na idade como em algumas concepções físicas, oscila, ao lhes dar expressão, na mesma fronteira que une a alegoria ao mito: de modo que ousa, por exemplo, comparar a Terra a uma bolota de carvalho alada, flutuando no ar de asas abertas e, após a derrota de Cronos, envolta por Zeus em trajes suntuosos, nos quais ele próprio havia bordado terras, águas e rios. (NIETZSCHE, 2012, p. 44).

Tales supera o método esporádico-aforismático das explicações teológicas e religiosas para todas as coisas, em vigor na época, através da sistematização. Como matemático e geômetra, relata Spinelli (1998) que Tales teria descoberto que “o triângulo formado pela pirâmide e sua sombra é igual ao triângulo formado pela vara e sua sombra, e assim nesses dois triângulos o comprimento da sombra é proporcional à altura do objeto.” (SPINELLI, 1998, p. 24). Como astrônomo, relata Laértios (1988) que Tales “foi ainda o primeiro a determinar o curso do sol de solstício a solstício, e de conformidades com algumas fontes declarou pela primeira vez que o tamanho do sol correspondia à 720ª parte do círculo solar.” (LAËRTIOS, 1988, p. 18). Demonstrando, pois, sua capacidade de explicar realidades sensíveis através da observação e organização.

Finalmente, Tales supera a ciência particular como primeiro sábio. Diz Nietzsche,

A palavra grega que designa o “sábio” origina-se etimologicamente de *sapio* – “eu saboreio”, *sapiens* – “o saboroso”, *sysiphos* – “o homem de gosto mais picante”. Um discernimento e um conhecimento extrativos, afiados, além de uma capacidade para a distinção significativa, constituíam, então, na mente do povo, a arte própria do filósofo. (NIETZSCHE, 2012, p. 44).

De acordo com o testemunho dos antigos, habitualmente Tales aparece como um dos sete sábios da Grécia antiga. Laértios indica ser de Tales uma célebre máxima; “É dele o provérbio “Conhece-te a ti mesmo” (LAËRTIOS, 1988, p. 23). Afirmo Spinelli que a atitude de Tales pressupõe uma imagem de mundo, seja devido ao seu “caráter gnosiológico (a requerer um comportamento intelectual cognoscitivo)”, seja pelo “caráter ético (a exigir um comportamento existencial de moderação).” (SPINELLI, 1998, p. 16). Desse modo, representando em conceitos realidades universais. Nietzsche nos fala ainda a respeito de Tales: “determinar

Tales como primeiro filósofo pressupõe uma definição do que é um filósofo.” (NIETZSCHE, 2013, tradução nossa, p. 330).

Quanto a dedicação de Nietzsche em estudar o que é um filósofo, em *A Gaia Ciência*, o autor vai afirmar que filosofia e fisiologia caminham juntas. Diz Nietzsche que,

A nós, filósofos, não nos é dado distinguir entre corpo e alma, como faz o povo, e menos ainda diferenciar alma de espírito. Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. (NIETZSCHE, 2001, p. 12)

Conforme abordado inicialmente, a exemplo dos primeiros filósofos, que tinham como modo de vida a prática do conhecimento, as constituições fisiológicas como doença, dor, fatalidade ou mesmo a saúde serviriam como inspirações para a tarefa do filósofo. Isso porque, assim como um mergulhador tem por objetivo a exploração aquática, o filósofo seria aquele que, vivenciando as diversas formas da vida, tornar-se-ia mais profundo.

### 3 A ORIGEM DO FILÓSOFO

Nietzsche pensara o filósofo como “um mestre criativo” (NIETZSCHE, 2012, p. 44), ou seja, aquele que, além de utilizar das ferramentas disponíveis para alcançar um objetivo desejado, não se limita ao senso comum e se dedica aos conhecimentos universais, transformando-os em conceitos. E, tudo isso, para Nietzsche, em uma consonância com a pessoa do filósofo: “o filósofo busca deixar ressoar em si a consonância do mundo, para então extraí-la de si mesmo na forma de conceitos.” (NIETZSCHE, 2012, p. 46). Nietzsche procura colocar a questão filosófica como uma questão pessoal.

Pensar o “Um” presente em todas as coisas à luz de algum princípio material, como os antigos, corresponde uma nova fase da busca pelo conhecimento. Segundo Maritain (1989), “somente na Grécia a Filosofia adquire existência autônoma, distinguindo-se explicitamente da religião”. (MARITAIN, 1989, p. 35). O filósofo como investigador, antes de explicar qualquer coisa, buscaria o que lhe é intrínseco e próprio. É assim que Nietzsche entende a posição do filósofo como “alçado das coisas mais dignas de conhecimento” (NIETZSCHE, 2012, p. 45). Para Nietzsche, “a expressão de qualquer intuição filosófica mais profunda pela dialética e pela reflexão científica é, por um lado, o único meio de compartilhar o vislumbreado” (NIETZSCHE, 2012, p. 46). Transformador de conceitos, o filósofo, na imagem de Tales, deveria ser capaz de, através da observação, transfigurar quem se é. Diz Nietzsche,

[...] o filósofo busca deixar ressoar em si a consonância do mundo, para então extraí-la de si mesmo na forma de conceitos: enquanto é contemplativo como o artista plástico, compassivo como o religioso

e ansioso por fins e causalidades como o homem da ciência, enquanto sente-se inflar ao nível macrocosmo, mantém a prudência para observar-se friamente, como imagem refletida do mundo, a mesma prudência que possui o artista dramaturgo, que, mesmo se transformando em outros corpos e falando por intermédio deles, ainda assim sabe projetar essa transformação para fora, na forma de versos escritos. (NIETZSCHE, 2012, p. 46).

O filósofo, segundo Nietzsche, é “imagem refletida do mundo” (NIETZSCHE, 2012, p. 47), isso porque, como transformador de conceitos, julga-se capaz de apreender realidades universais com o objetivo de, através da razão, assimilar relações entre fenômenos e transmitir, “no fundo, uma transposição nada confiável para uma esfera e uma linguagem totalmente distinta” (NIETZSCHE, 2012, p. 47). De acordo com Perrusi (2019), Nietzsche, ao falar sobre Tales, apresenta sua compreensão de filosofia: “trata-se de um exercício de linguagem transpor a experiência para a linguagem filosófica, através de um pensar dialético”. (PERRUSI, 2019, p. 140).

As diversas posturas filosóficas demonstraram que, como seres finitos, o ser humano jamais conseguiu alcançar a verdade absoluta. Dessa forma, a questão inesgotável sobre a origem das coisas, levantada por Tales de Mileto, abriu portas para uma nova postura cosmológica, baseada na observação e na especulação racional.

Nietzsche se interessara mais pela origem do filósofo do que pelo início da filosofia, isso pois, conforme Perrusi (2019), mesmo os sistemas sendo importantes para entender como surgiu a cultura grega, eles seriam autênticos só para quem os fundou. Como por exemplo Platão, que ao referir-se aos sofistas, os identifica como pretensos mestres da virtude e não como filósofos e Aristóteles que, ao relatar a história das ideias filosóficas antigas, não inclui os sofistas em sua reflexão. Portanto, ao apresentar o pensamento do primeiro filósofo grego que via “a unidade de tudo aquilo que é: e, desejoso de comunicar-se, falava da água!” (NIETZSCHE, 2012, p. 46), Nietzsche justifica a origem da filosofia em relação ao surgimento do filósofo.

#### 4 CONCLUSÃO

Nietzsche pensava o filósofo Tales de Mileto como mestre da criatividade. Por essa razão, ao levantar a questão do “Um”, para o autor, Tales assume a postura de filósofo que investiga a universalização da origem das coisas e se apresenta como “o primeiro filósofo grego”. Hodiernamente, a filosofia pré-socrática assume importante investigação no que se refere a atitude filosófica como criadora de conceitos relacionando pensamento e vida.

Como visto anteriormente, a nova atitude filosófica possibilitou um rompimento com as explicações de mundo até então vigentes. A postura primordial sobre a origem das coisas, resultou, na história da filosofia, a relação uno-múltiplo como interpretação da realidade. Costumeiramente, a história da filosofia é dividida em quatro grandes períodos. A

pluralidade de sistemas filosóficos engloba tanto o período de elaboração, quanto as dos discursos filosóficos consecutivos. No ponto de vista filosófico, tratar sobre as variadas posturas filosóficas implica pensar uma unidade da filosofia na multiplicidade das correntes filosóficas. Fica claro, pois, que a unidade da filosofia não é estática e rígida, mas sim dinâmica e pessoal, confirmando sua diversidade.

Portanto, é possível compreender que às perguntas sobre origem da filosofia, seriam para Nietzsche indiferentes, visto que cada filósofo forneceria sua resposta sobre o que é filosofia. Em direção contrária, ao investigar como os primeiros filósofos gregos praticaram a filosofia, o filósofo alemão identifica que a proposição “a água é o princípio de todas as coisas” seria expressão da busca pelos saberes mais elevados. Assim, o filósofo empenhado nas coisas mais dignas de conhecimento é, dessa forma, um caminhante que, assumindo seu ofício de “sábio”, percorre o caminho vivendo o que busca conhecer.

## REFERÊNCIAS

- BURNET, John. *A aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. Puc-Rio, 2006.
- LAËRTIOS, Diôgenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- MARITAIN, Jacques. *Elementos de filosofia I: introdução geral à filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1989.
- MELO NETO, João Evangelista Tude de. *10 lições sobre Nietzsche*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. Los filósofos preplatónicos. *Obras completas*. Escritos filológicos. Volumen II. Madrid: Tecnos, 2013, p.327-440.
- PERRUSI, Martha Solange. *Filosofia como retórica: uma leitura de Nietzsche*. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, 2019.
- PLATÃO. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*. Belém: UFPA, 1973.
- SPINELLI, Miguel. *Filósofos pré-socráticos: Primeiros mestres da filosofia e da ciência grega*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.